

# O Novelo

**De Nanna de Castro**

*nannadecastro@gmail.com*

## **PERSONAGENS**

### **Mauro**

O filho mais velho. Tinha doze anos quando o pai se foi e dezenove quando a mãe morreu. Tem quarenta e dois anos hoje. Parece ter mais. Criou os irmãos. Não fez faculdade. Amadureceu na marra. Sacrificou a juventude, os relacionamentos, para dar suporte à família. É paciente, equilibrado e procura ser sempre o exemplo. Representa a autoridade para os irmãos. Contem todos os seus impulsos e emoções para não perder a fachada de ter tudo sob controle. Dono de uma pequena empresa de importação. Não casou-se para estar ao lado dos irmãos, mas tem uma filha de 13 anos que assumiu e que ajudou a cuidar. É a imagem do sacrifício, da rocha, aquele que nunca pôde cair.

### **Maurício (Cicinho)**

Tinha dez anos quando o pai se foi. Dezesete na morte da mãe. Tem quarenta. É a cara da mãe e tornou-se para ela o espelho de todos os seus defeitos. Passou a infância sendo comparado de forma negativa à Mauro. Virou alcoólatra. Não assume o alcoolismo e, apesar da insistência de alguns irmãos, não se trata. É um fraco em quase todas as situações. Apanhava até dos irmãos mais novos. Extremamente amoroso com todos. Nem quando bebe fica agressivo. Nunca tem uma opinião firme sobre algo. Quando fica nervoso, gagueja. Casou-se e teve dois filhos. A esposa arrumou um amante e Maurício foi obrigado pelos irmãos a se separar. É o melhor pai do mundo. Super presente. É secretário do irmão mais novo, Zeca, com quem desenvolveu uma estranha relação sadomasoquista. Toca violão muito bem e compõe músicas nas horas vagas. É a imagem da fragilidade, do desamparo.

**João Pedro**

Tinha nove anos quando o pai se foi. Tem trinta e nove. Sociólogo, doutor em psicologia. Professor universitário. Chefe de um importante instituto de pesquisas sociais. Faz formação em Psicanálise. É o intelectual da família. Respeitado e conhecido no meio acadêmico. Extremamente introspectivo desde criança, suas emoções são uma verdadeira incógnita. Seu grande desafio, que ele descobriu em anos de terapia, é colocar estas emoções pra fora. Era o escolhido do pai, o filho com quem ele tinha mais afinidade. Foi o que mais sofreu com o abandono, o que mais se sentiu traído. Procurou isolar-se da dor e dos conflitos familiares nos livros. Professor universitário. Homossexual. No plano teórico lida bem com a homossexualidade no prático não. Vive com um companheiro há cinco anos. Todo mundo sabe, mas, como ele se cala, ninguém fala. É um tabu. É o intelectual frio e distante.

**José Carlos (Zeca)**

Tinha sete anos quando o pai se foi. Tem trinta e sete. Tem o mesmo nome do avô reconhecido por sua fama de mulherengo, jogador e bon vivant. Tornou-se exatamente o mesmo: um comedor, o terror das mulheres. Traça todas, de qualquer idade ou raça, toda mulher é currículo. Advogado bem sucedido, coleciona carros, relógios, e souvenirs das mulheres com quem mantém relacionamentos breves. Boa vida, divertido, machão. Está casado novamente e é um marido conservador que não quer mulher trabalhando fora. Gasta muito dinheiro com pensão alimentícia para os 5 filhos dos casamentos anteriores. Para ele o avô era um herói e o pai está certíssimo: tinha mais é que largar mesmo aquela vidinha medíocre de família e dar o fora. Mesmo assim gastou rios de dinheiro com detetives particulares tentando encontrá-lo. Foi caçula por sete anos e não assimilou bem o nascimento de Cláudio. Associa o nascimento do irmão à partida do pai. Sempre gostou de uma briga e fez vários cursos de luta e de tiro. Anda armado. Tem sempre uma medalha de Nossa Senhora Aparecida no pescoço. É supersticioso e cheio de manias. Chegou a uma carreira de cocaína e drogas estimulantes. Usa ternos caríssimos, italianos. Está no terceiro casamento com outra mulher bonita e fútil. Aos 32 anos foi abandonado pela esposa

se apaixonou por seu irmão caçula, Cláudio. Esta mulher foi o único verdadeiro amor de sua vida. Muito agressivo, coleciona conflitos com quase todos e não fala com o irmão caçula há cinco anos. Ama e faz tudo pelos irmãos. Não tem relacionamentos profundos com ninguém, nem com os amigos. Acha que todos se aproximam dele por interesse.

### **Cláudio (Cacau)**

Tinha acabado de nascer quando o pai se foi. Tem trinta anos. Sofreu pouquíssimo com a ausência do pai, mas sofreu terrivelmente a perda da mãe. É o artista da família. É ator. Doce e um pouco afeminado. Tem a beleza do pai. É o que mais se parece com ele fisicamente. Busca obsessivamente ser um grande ator e protagonizar um clássico. Mas vive em dúvida sobre seu real talento e esta crise aumenta com o passar dos anos. Na verdade é um ator mediano, sem grande expressão. Faz terapia. Uma figura extremamente feminina: é compreensivo, mediador, o amigo de todos, com quem todo mundo se abre. Seu jeito doce e meigo, sua profissão, geram dúvidas constantes entre os irmãos sobre sua masculinidade. Não é homossexual. Faz um enorme sucesso, principalmente com as mulheres mais velhas que são suas preferidas. É sensível mas tem posturas e opiniões fortes e decididas. Vive em conflito constante com Zé Carlos com quem não conversa há cinco anos desde que foi o pivô da separação do irmão. Seu grande problema é a incapacidade de administrar a vida financeira e prática.

# O Novelo

**De Nanna de Castro**

*nannadecastro@gmail.com*

## CENA 1

*Enquanto a platéia se acomoda, no palco estão 5 homens sentados em cadeiras. Quatro deles fazem tricô. Um deles, João Pedro, olha absorto as agulhas em suas mãos. Em algum ponto temos um saco de pugilismo (sparring) pendurado. Em outro ponto: um violão.*

*Maurício se levanta e soca o sparring violentamente, com um ódio que cresce até se esgotar.*

*Um dos atores também se levanta e fala para a platéia.*

**Ator:**

- Por volta da sétima semana, se o embrião for do sexo masculino, a testosterona se manifestará estimulando o desenvolvimento dos órgãos genitais.

**João:** (olhando para as agulhas)

- Eu não entendo isso.

**Ator:**

- As pesquisas apontam um número maior de abortos de fetos do sexo masculino. Mais meninos nascem mortos que meninas.

**João:**

- Eu nunca entendi isso.

**Ator:**

- No primeiro ano de vida também morrem mais meninos que meninas. Garotos apresentam maior tendência a ter problemas de fala e de desenvolvimento mental.

**João:**

- Mas a verdade é que eu nunca consegui parar.

*João começa a tricotar como os outros. Maurício bate cada vez mais forte até se exaurir.*

**Ator:**

- A testosterona afeta o sistema imunológico ampliando a suscetibilidade à leucemia, ao câncer do sistema linfático, às doenças respiratórias, à hepatite e às disfunções de ordem gastrointestinal.

*Maurício exausto deixa os braços caírem ao lado do corpo.*

**Maurício:**

- Pronto, acabou, ele tá morto.

*Os dois voltam a sentar-se.*

**CENA 2****Cláudio:**

- (Levemente afeminado. Para Mauro) Tá ficando muito frouxo esse ponto... Tem que colocar mais tensão pro ponto ficar mais fechadinho...

**Mauro:**

- Não amola Cacau, eu te ensinei a fazer ponto meia.

**Maurício:**

- (Bêbado) Não acredito, escapou um ponto...

**Cláudio:**

- Tem uma agulha de crochê na sacola, se quiser recuperar...

**Zeca:**

- Alguém lembra como fazia o ponto de barra?

**João:**

- Olha a cara daquele enfermeiro pra gente. O pessoal do hospital não tá acreditando.

**Zeca:**

- Relaxa, enfermeiro é tudo um bando de boiola...

**Mauro:**

- Que lã é essa que você trouxe? Bacana.

**Cláudio:**

- É mahair com lã comum... Comprei pra fazer alguma coisa especial mas não sabia o que era... Sei lá porque me deu na teia de trazer...

**Mauro:**

- Achei que tinham jogado estas agulhas fora... Meu Deus... Como é que eu ainda sei fazer isso?...

**Zeca:**

- Tem coisas que a gente não esquece. Nem fazendo força.

**Maurício:**

- O Cacau trouxe as agulhas e a lã e eu trouxe meu violão. A gente sempre cantava, lembram?

**João:**

- Não, não... Vocês não vão cantar agora. Pelo amor de Deus, era o que faltava.

**Zeca:**

- Relaxa o cabeção, João. Se der uma grana pra enfermeira-chefe ela descola até um whisky e umas putas.

**Mauro:**

- Se você conseguir um anti-ácido com ela já é bom. Meu estômago tá pegando fogo.

**João:**

- Vocês não crescem. É impressionante...

**Zeca:**

- Falou o ser superior. Por isso é que eu não faço terapia, pra não ficar com esse jeitão de chuchu.

**João:**

- Falou o ser inferior.

**Maurício:**

- E se ele não sair mais do coma, nunca mais... Tem gente que fica anos em coma.

**Mauro:**

- E se ele sair do coma, Cichinho? Já pensou como é que vai ser?

**Zeca:**

- Vai ser lindo, eu vou levar o velho pra minha casa. Vocês não precisam esquentar com nada.

**João:**

- Isso é um delírio... Mais um delírio... Vocês nem sabem se é ele. Meu Deus, que que eu tô fazendo aqui!?

**Cláudio:**

- Nosso telefone tava no bolso dele, João... A única coisa que ele tinha no bolso era o telefone...

**João:**

- Sei, o sujeito passou 25 anos com o nosso telefone no bolso... Tá na cara que isso é outro tiro n água.

**Zeca:**

- (Excitado) É ele. Eu sei que agora é ele. Putaqueopariu, João!

**João:**

- Putaqueopariu Zeca, toda vez você sabe que é ele!

**Mauro:**

- Parem com isso, vocês dois. Pelo amor de Deus, tanto tempo sem se ver...

**Cláudio:**

- Será que deixam você entrar na UTI agora e dar uma olhada Mauro?

*Mauro suspira fundo, desanimado.*

**Maurício:**

- Vou lá fora tomar um ar.

*Maurício deixa o tricô sobre a cadeira e vai saindo.*

**Mauro:**



- (Para Maurício) Em 15 minutos vou ver se você tá na porta, Cichinho. Se tomar qualquer coisa além de ar eu vou quebrar a sua cara, entendeu? Chega de álcool, Cichinho. Tô falando sério.

*Maurício volta e dá um beijo na testa de Mauro.*

**Maurício:**

- Fica fria mamãe. Eu tô bem.

*Maurício sai. Mauro olha para Cláudio.*

**Cláudio:**

- Tudo bem Mauro... Ele só vai lá fora tentar ligar pra Sandra de novo... Daqui a pouco a bateria do celular acaba, ele pára.

**Mauro:**

- Quando a bateria acabar, ele vai atrás de bebida. Tem que colar nele, Cláudio. Não pode dar folga.

**Cláudio:**

- Relaxa Mauro. Tô indo lá colar nele.

*Cláudio deixa o tricô sobre a cadeira e sai.*

**Zeca:**

- Não adianta ficar de babá do cara. Você quer fazer o quê, Mauro, grudar no Cichinho 24 horas?

**João:**

- O Zeca tem razão, Mauro, relaxa, você fez o que podia pelo Maurício. Aliás, você fez o que podia por todo mundo.

**Zeca:**

- Esquece um pouco o Cicinho, o pai pode estar aí pertinho da gente, hoje é dia de comemorar...

**Mauro:**

- É uma ironia digna do Sr Orlando: reaparece e morre.

*Zeca bate na cadeira com a mão para "isolar". Beija a medalha que traz no pescoço.*

**Zeca:**

- Que morrer, o quê?! Bate nessa boca! Porra, você e o João querem que o cara morra???

**João:**

- Eu não quero nada... Ele nem sequer chamou a gente... O sujeito apenas tinha um telefone no bolso... Alguém pode ter passado o número pra ele, alguém que fez algum um serviço na casa...

*Mauro coloca o tricô sobre a cadeira e se levanta.*

**Mauro:**

- Eu vou lá tentar ver o homem. Você vem João?

**João:**

- Não adianta. Eu não me lembro da cara dele. Apagou.

**Zeca:**

- Eu vou.

*Zeca coloca o tricô sobre a cadeira.*

**Mauro:**

- Vai nada, Zeca. Você vai é lá tirar o Jaguar da vaga da ambulância.

**Zeca:**

- Os caras do hospital tão adorando. Quando é que um bando de pé rapados desses viu um Jaguar... Aposto que os pacientes tão fazendo fila lá fora pra ver.

**João:**

- É inacreditável. O cara não muda.

*João deixa o tricô sobre a cadeira, vai pra perto do sparring.*

**Mauro:**

- Vai lá, estaciona o carro em outro lugar. Se eu conseguir autorização pra gente entrar na UTI, eu te chamo.

*Zeca sai. Mauro chega até perto da coxia e para.*

*João continua olhando fixo para o sparring.*

*Apaga-se o foco nas cadeiras.*

### **CENA 3**

*João tem 7 anos. Tira uma folha de papel com um desenho do bolso da calça. Agacha-se no chão e faz como se olhasse por baixo de uma porta. Mauro fica olhando de longe.*

**João:**

- (Fala alto) Pai... Olha... Fiz igual você ensinou... É a nossa casa... Coloquei o ponto de fuga... Como é que se fala? Pespetiva? Pers... Perspectiva. Pai... Pai, cê tá aí?

*Mauro fica observando sem que ele veja. João se deita no chão tentando ver algo por debaixo da porta. Mauro se aproxima.*

**Mauro:**

- (Fala baixo) Mamãe mandou você sair aí da porta do quartinho... É pra parar de amolar ele.

*João se levanta rapidamente.*

**João:**

- Não tô amolando.

**Mauro:**

- Ele não gosta de barulho quando tá no quartinho. Você sabe.

**João:**

- Eu quero meu pai.

*Mauro vem até João e segura seu braço.*

**Mauro:**

- E se você não sair, é pra te tirar a força.

**João:**

- (Voz de choro) Não tô amolando, Mauro.

**Mauro:**

- Deixa eu ver o seu desenho.

*João mostra o desenho.*

**Mauro:**

- Bacana... Foi ele que te ensinou?

*João balança a cabeça afirmativamente.*

**Mauro:**

- O que tem lá dentro, João?

**João:**

- Ih, um montão de coisa... Uns quadros, uns desenhos, vidrinhos de tinta de muitas cores, tem uns livros...

**Mauro:**

- Ele pinta?

**João:**

- No dia que eu entrei não... Ele desenhou.

**Mauro:**

- Eu acho que ele pinta porque os dedos, assim perto da cutícula, ficam manchados de tinta.

**João:**

- Mauro, porque ele não deixa eu entrar de novo? Ele não gosta mais de mim?

**Mauro:**

- Escuta Joãozinho, você foi o único que entrou. Não é legal isso? Agora vem senão a mamãe... Você já sabe.

*Os dois vão saindo de cena. João volta e joga seu desenho por debaixo da porta.*

#### **CENA 4**

*Zeca entra. Coloca duas cadeiras na boca de cena como se fossem os bancos do motorista e do carona em um carro. Enquanto fala, executa os movimentos de ensaboar seu Jaguar. Um verdadeiro balé, cheio de sutileza.*

**Zeca:**

- Absolutamente, eu não entrego meu Jaguar pra frentista de posto lavar. Sem chance. Isso é igual levar esposa em dentista bonito. Os caras metem a mão sem dó. A mulher, cara, se o dentista for cuidadoso você nem nota. Agora, a pintura do Jaguar vai enchendo de risquinho. Não dá. Eu tiro os outros carros da garagem pra ter mais espaço. Deixo só a fera. Pego meu balde, minha flanela. A receita é não inventar. Sabão neutro e água. Nesta manhã, todo mundo sabe: não quero criança me amolando, nem mulher me enchendo o saco, não atendo telefone... Só se for cliente. Esses filhos da puta desses meus clientes adoram ligar em casa no final de semana. Tão sempre entrando em cana na sexta-feira pra foder meu final de semana. Vamos esquecer esses putos, vamos falar do Jaguar... Boto a pantera negra na garagem e vou ensaboando. Cara, chega a me dar tesão quando eu deslizo a flanela com sabão pela calota da frente e passo no farol de xenon dela. Não sei por que, cara, eu sinto que meu Jaguar é ela sabe, é fêmea... É como os italianos falam: a máquina. Tá bom, vão falar que eu sou viado, mas a grade dianteira eu limpo com cotonete. 40 minutos só na grade. O banco de couro eu limpo com um produto pra sela de cavalo... Aprendi com meu pai. Ah, super importante! não pode deixar vagabunda fumar dentro do carro porque o cheiro gruda no carpete de lã de carneiro. (T) Detesto mulher que fuma. Acho vulgar, sabe? Tenho uma cliente cheia da grana que fuma. Ex-dona de puteiro. Não é que um dia a gente saiu de uma audiência e a puta tava sem carro e pediu carona!? Quando acendeu o primeiro cigarro, eu pensei: vou meter a mão debaixo do banco, puxar a Glock e enfiar um tiro na cara dela... Só pensei, né? Sangue é pior pra tirar do carpete que cheiro de cigarro. (Risada) Tô brincando... Clientona... Totalmente culpada. Cliente bom na minha área é culpado e rico. Só de honorários na causa dela levo 250 mil. Abri tudo: janelas, teto solar, liguei o ventilador no máximo... Quando deixei a puta em casa, o cabelo dela parecia uma vassoura de piaçava apontada pro teto do carro. Dois meses pra sair o cheiro de cigarro do carpete. (T) Agora atenção pra

dica na hora de dar aquele brilhinho no pneu: resto de toner de impressora. Você pega aquele pozinho, mistura com glicerina e passa. Cacete, brilha pra caralho! Fica brilhando mais de uma semana.

### CENA 5

*Zeca tira uma chave de carro do bolso. Maurício chega correndo. São crianças.*

**Maurício:**

- Ele entrou no banho.

*Zeca joga a chave de carro para Maurício.*

**Zeca:**

- Toma, você dirige.

**Maurício:**

- O quê?

**Zeca:**

- Você dirige, a gente dá uma volta no quarteirão e volta. Ele não vai nem notar.

**Maurício:**

- Você é doido. Como é que você conseguiu a chave??

**Zeca:**

- Pedi pra lavar o carro pra ele.

**Maurício:**

- Eu não vou. Você sabe como ele é com esse carro.

**Zeca:**

- Bundão... Você é um bundão mesmo. Se eu soubesse dirigir...

**Maurício:**

- E eu sei?

**Zeca:**

- Não vem não que eu vi ele te ensinando.

**Maurício:**

- Foi só uma volta, Zeca.

**Zeca:**

- Então vem... Vamos ligar uma vez o motor, pelo menos...

*Os dois sentam-se nas cadeiras como se fosse o carro.*

**Maurício:**

- Zeca, não liga, vai fazer um barulhão. Se a mãe escuta...

**Zeca:**

- A gente apanha, e daí?... Escuta Cicinho, presta atenção no ronco do motor...

**Maurício:**

- Não! Não liga ainda. Eu vou descer.

**Zeca:**

- Vai descer nada. Vai ficar aí. Bundão! E fecha essa porta.

*Zeca liga o carro. Ouvimos o potente ronco de um Jaguar.*



**CENA 6**

*Voltamos ao tempo atual. Os dois continuam nas mesmas posições. Zeca está mostrando seu Jaguar novo para Maurício. Maurício pega seu celular e tenta ligar para alguém, mas a pessoa do outro lado não atende.*

**Maurício:**

- Zeca, pára de acelerar isso. Aqui é um hospital.

*Zeca desliga o carro.*

**Zeca:**

- Também, você não tira esse celular da orelha. São 420 cavalos relinchando dentro deste capô e você só pensa na vaca da sua ex-mulher.

*Maurício continua teclando nervosamente.*

**Maurício:**

- Eu jurei que ia ligar pras meninas, elas devem estar esperando.

**Zeca:**

- Cadê o babaquinha do seu irmão? Não tava aqui fora com você? Aposto que meteu o pau no meu carro novo. (Imitando.) Outro Jaguar!? Que cara esnobe!

**Maurício:**

- Ele não falou nada, nem viu que era outro Jaguar. O Cláudio não se liga nessas coisas... Zeca aconteceu há cinco anos. Perdoa, esquece. O Cláudio é gente boa. Falei pra ele entrar, pra ficar tranquilo que eu ia ficar aqui na porta. (Celular não atende. Maurício gagueja.) Fi-fi-fi-lha da puta!

**Zeca:**

- Não tem perdão, Maurício... Se depender de perdão meu, esse Cláudio tá fodido... E você, pode esquecer cara, não tem nenhum boteco nesse fim de mundo. Se bater um desespero, vamos ter que subornar a enfermeira gorda e arrumar uma garrafinha de álcool noventa graus. (Ri)

*Maurício tenta ligar de novo. Vai ficando nervoso.*

**Maurício:**

- (Gagueja) Eu n-n-não quero beber, cara. Eu não vou be-be-ber. Prometi pra Juju.

*Fica mais nervoso com a própria gagueira.*

**Maurício:**

- Me-me-me-meeerda!

**Zeca:**

- (Irônico) Prometeu pra Juju... Toda vez você promete pra ela. (T) Você viu o GPS no painel, cara? Olha só esse painel touchscreen, não parece um caça, uma nave espacial? (T) Vai beber sim, Maurício. Porque você é um fraco, você não dá conta da vida, cara. Nunca deu. (Mexe no painel) Tá sentindo alguma coisa?

**Maurício:**

- Atende, Sandra, at-atende!

*Maurício desliga e liga de novo.*

**Zeca:**

- Porra, não tá sentindo??

**Maurício:**

- (Gagueja) Q-q-que foi cara? Ah, meu ban-ban-co tá esquentando... Legal.

**Zeca:**

- Controle de temperatura individual dos bancos...

**Maurício:**

- Tá cha-chamando!! (Atendem) Alô, San-San-Sandra, por favor não desliga, não desli....

*A ex-mulher desliga do outro lado. Maurício começa a chorar, gagueja muito, quase não consegue falar.*

**Maurício:**

- Fi-fi-fi-filha da puta, desli-li-li-gou... Ca-ca-ca-cara por-por-porque ela faz isso???

*Zeca toma o telefone de Maurício e enfia no bolso.*

**Zeca:**

- Calma, Maurício, se acalma. A piranha da sua ex não vai falar com você. Ou melhor, ela vai falar quando precisar de mais grana, que você fique com as meninas no final de semana, quando uma delas ficar doente... É o jogo, cara. Vamos ter que armar uma pra essa puta no tribunal... Aguenta Cicinho, já tô vendo isso...

*Maurício tem uma crise de choro..*

**Maurício:**

- Eu pre-pre-preciso de um trago... Um tra-trago só Zeca...

**Zeca:**

- (Incomodado) Pára com isso, cara... Pelo amor de Deus, Maurício... Muda o foco, muda o foco! Pega a agenda... Vai cara, pega a agenda aí...

*Maurício pega uma agendinha e uma caneta no bolso. Tenta escrever com dificuldade, sua mão treme.*

**Zeca:**

- Chegando no escritório amanhã você liga pra alguém da lista... Escolhe uma mais facinha, que ainda não deu mas tá quase... Marca um jantar na quinta... Não, quinta tem reunião na escola da Silvinha, marca na quarta... Quero tudo que a eleita tem direito: restaurante caro, flores, violinista na mesa... Manda fazer um daqueles pingentes com o nome dela... E no carro um champanhe de primeira, pode ser uma viúva Clicquot. E camisinha de monte, lógico... Me dá um tesão carro novo...

*Maurício não consegue escrever. Deixa a caneta cair.*

**Maurício:**

- Um gole, Zeca... Pe-pe-pelo amor de Deus.

**Zeca:**

- Tá bom... Tem uísque no porta-luvas. Agora, vê se não entra em coma você também. Aliás, porra, será que o Mauro ainda não conseguiu entrar nessa UTI? Tem que molhar a mão de um enfermeiro, de um médico... Hospital público é foda. Eu vou lá.

*Zeca volta sua cadeira para o lugar e sai de cena. Maurício pega o violão e dedilha uma melodia enquanto fala.*

## **CENA 7**

**Maurício:**

- Eu comecei a gaguejar dois dias depois que a mãe morreu. Estranho porque eu não gostava muito dela. Aquela vocação que ela tinha pro sacrifício... Um horror! Minha mãe era a vítima profissional. Vítima do nosso pai, vítima daquele bando de filhos que ela nunca quis. Ela não gostava de mim também. Deixava bem claro, pelo menos a gente era sincero um com o outro. Engraçado que, quando ela morreu, eu assumi as

tarefas da casa. Eu acho que fiz muito melhor que ela. O herói da mamãe era o Mauro... A rocha. Eu lembro que, dois dias depois do enterro dela, meu tio Alfredo apareceu lá em casa com a mulher dele e disse que ia levar o Cláudio. O Mauro não tava. Tava trabalhando. Eu entrei em pânico. Se o Mauro chegasse em casa e eu tivesse deixado levarem o Cacau... Minha nossa! Meu tio foi catando o Cacau pelo braço, mandou a mulher entrar e pegar umas roupas dele. Eu parado lá, mudo, imóvel... De repente eu não conseguia mais falar. Eu fazia uma força enorme pra fazer sair uma palavra. Não saía. O Cacau me pedindo socorro com os olhos. E eu ia deixar levarem ele. Eu não tinha coragem de olhar pro meu tio e dizer “não leva ele, Tio”. Então o Mauro chegou. Na hora “H” ele sempre chega. O super Mauro. Desde então é assim, quando eu fico muito nervoso, ou muito emocionado, não tem jeito... Dentro do meu cérebro a palavra sai, mas quando eu percebo ela ainda tá lá presa da minha boca.

*Maurício permanece em cena dedilhando o violão.*

## CENA 8

*Apaga-se a luz nas cadeiras. Acende-se a luz no sparring. Mauro entra em cena e abraça o sparring. Tem 12 anos. Quer chorar, mas segura. Fala abraçado ao sparring.*

### **Mauro:**

- Não pai, eu não tô entendendo... (Ouve) Mas eu não quero ser o homem da casa... (Ouve) Pra onde o senhor vai? O senhor volta? Eu posso ligar lá?... (Ouve) Quem vai buscar a mãe no hospital? E o bebê, pai? (Se afasta do sparring. Para. Escuta novamente.) Você não pode fazer isso. E os meninos? Que que eu digo pros meninos?... O João morre se ficar um dia sem o senhor... Meu Deus, o Zeca vai descompensar de vez. O senhor não pode fazer isso comigo. Eu vou lá acordar os meninos. (Ameaça sair. Para de novo. Escuta.) Fica pai... Por favor, fica... (Sente pontadas no estômago e gême.) Tô com uma dor aqui... Pai? (Mais alto) Pai! (Baixo) Tá doendo, pai.

*Maurício coloca a cadeira e o violão no lugar e sai. Mauro senta-se em uma das cadeiras. Fala para o público.*

## **CENA 9**

**Mauro:**

- Gastrite... Parece que eu nasci com gastrite... Nem me lembro quando isso começou... Os meninos me dizem pra procurar um médico, mas eu vou levando. Os meninos... Pra mim, eles são sempre meninos... (T) Minha secretária diz pra eu tirar férias. Não tiro, nunca tirei, não sei o que fazer com férias. Até final de semana me incomoda. Sábado de manhã eu vou pra empresa checar estoque. Quando a gente é dono tem que ficar em cima. (Leva a mão no abdome) Como queima! Parece que eu engoli um cigarro aceso. O bom é que a gente se acostuma com tudo. Minha filha... Tenho uma filha, é moça já, ela diz que eu preciso de uma mulher pra cuidar de mim, comer em casa, dormir cedo... Ela tenta cuidar de mim, a minha filha, mas quer saber? Eu não gosto, me incomoda. (Sente outra pontada) Droga de dor.

*João entra falando no telefone celular.*

*Mauro sai.*

## **CENA 10**

**João:**

- Fala Olivier... Eu não pedi pra não ligar pra cá?... Não, a gente não sabe ainda se é ele... Fica tranquilo, eu ligo pra você... Alguém ligou?... E os meus emails?... Você responde como se fosse eu... Diga que eu gostei muito da matéria que ela fez sobre o livro... E desmarca a palestra, hoje a noite não dá...

*Cláudio entra. João fica incomodado.*

**João:**

- Eu vou ter que desligar agora... Tá... Tá... Eu não posso falar agora, depois eu ligo...

*Desliga.*

**Cláudio:**

- Era o seu namorado?

**João:**

- (Desconcertado) O quê?

**Cláudio:**

- O Olivier, seu namorado, não era ele?

**João:**

- Era o Olivier sim.

**Cláudio:**

- Parece que é um cara muito legal... Nunca conversei direito com ele, mas parece.

**João:**

- É, ele é legal sim. (Desconversando) E o Maurício? Ficou lá fora?

**Cláudio:**

- Ficou... Ele se separou. Voltou a beber. O pesadelo começou de novo.

**João:**

- Eu tenho uns amigos psicoterapeutas que trabalham muito com este tipo de caso. Se vocês quiserem eu posso conversar com alguém...

**Cláudio:**

- O Zeca colocou ele numa clínica super invocada, tem terapeuta, tem tudo... Mas não é assim de uma hora pra outra. Ele tá tentando. A gente tá tentando.

**João:**

- O Mauro foi lá dentro ver se consegue entrar na UTI...

**Cláudio:**

- Você sumiu.

**João:**

- Muito corre-corre, agora que eu sou presidente da fundação de estudos sociais então...

**Cláudio:**

- Bobagem... Você sumiu por causa do Olivier.

**João:**

- Imagina, Cláudio. Olha, você sabe que eu não gosto de misturar estas questões pessoais...

**Cláudio:**

- Eu sou seu irmão. Eu faço parte das questões pessoais.

*João fica em silêncio.*

**Cláudio:**

- Eu gostava muito daquelas nossas conversas, até hoje eu tenho aqueles discos de ópera que você me deu, os livros de fotografias que você trazia das suas viagens...

**João:**

- E você? Continua firme no teatro?



**Cláudio:**

- Firme, firme, no teatro, não dá. No teatro a gente tá sempre balançando. É a corda bamba.

**João:**

- Sabe, quando eu tava escrevendo este meu livro sobre a obra do Jorge Luis Borges, eu pensei em escrever uma peça... Besteira, imagina se eu sei escrever peça... Mas eu até pensei em te ligar pra falar desta idéia maluca...

**Cláudio:**

- Mas não ligou, né?

**João:**

- É... eu vou te ligar um dia desses pra gente tomar um café.

**Cláudio:**

- Um dia desses é nunca, João. Você não vai ligar. Você resolveu fazer que nem ele... Evaporar, cortar os vínculos...

**João:**

- Eu sou muito diferente de vocês. Eu sempre fui.

**Cláudio:**

- É... eu sempre te achei diferente, depois eu achei que eu também era diferente... Mas hoje, eu acho isso tudo uma grande bobagem. Eu não me importo se você é diferente. Eu senti sua falta. Até o Zeca sentiu sua falta.

**João:**

- O Zeca. Imagina eu levando o Olivier num almoço na casa do Zeca. Ele não ia durar cinco minutos.

**Cláudio:**

- Deixa o Olivier tentar. O Zeca é um grosso, mas adora os irmãos. Não fala comigo há cinco anos, mas tá sempre mandando dinheiro pra mim através do Cichinho. Manda escondido, não pode falar que é dele. Mas eu sei que é.

**João:**

- Eu não quero expor o Olivier.

**Cláudio:**

- Não tem nada a ver com o Olivier. É você João.

*João ri.*

**João:**

- É incrível. Tantos diplomas: filosofia, sociologia, psicanálise... e eu continuo um elefante escondido atrás de uma folha de alface. Tá certo, Cacau. Eu vou tentar... Quem sabe um almoço lá em casa... Primeiro só você...

*Cláudio balança a cabeça negativamente.*

**João:**

- Talvez o Cichinho também...

*Cláudio ri.*

**João:**

- Ah, meu Deus! Você, o Cichinho e o Mauro...

**Cláudio:**

- Um almoço lá em casa. Todo mundo. Você leva o Olivier. O Mauro dá aquela chamada no Zeca, põe a coleira nele, a focinheira também...

*Os dois riem.*

**Cláudio:**

-... Eu cozinho.

**João:**

- Ok. Eu vou falar com o Olivier.

*Ouvimos um som de violão. Pessoas cantando do lado de fora. Zeca entra e pára num canto do palco, de costas para a platéia, faz o movimento de cheirar cocaína.*

**Cláudio:**

- Não é a voz do Cicinho? (Ouve) É ele mesmo.

**João:**

- Ele e mais gente... Tá vindo lá de fora. Esse Maurício é maluco.

**Cláudio:**

- Eu gosto quando ele canta... É um bom sinal.

**João:**

- Bom, depois de fazer tricô na sala de espera só me falta ir cantar na porta do hospital... Eu vou lá ver isso de perto.

**Cláudio:**

- Eu vou procurar o Zeca. Preciso falar uma coisa importante pra ele.

**João:**

- Pode deixar, eu fico com o Cicinho.

*João sai. Cláudio senta-se e olha para o chão.*

**CENA 11**

*Zeca anda de um lado para o outro furioso. Funga muito. Está incomodado com o próprio nariz. Está descontrolado, quase chorando. Eles ficam um tempo em silêncio sem se olhar, sem se falar.*

**Zeca:**

- Como é que você foi fazer uma merda dessa?

*Cláudio não responde. Segue olhando o chão.*

**Zeca:**

- Eu sempre achei que você era bicha. Porra, você não é bicha???

*Cláudio levanta os olhos e olha com ódio para ele.*

**Cláudio:**

- Você é um grande escroto.

**Zeca:**

- Eu sou o escroto? Que maravilha, eu sou o escroto aqui.

*Zeca vai até o sparring e dá vários murros.*

**Cláudio:**

- Você não conhece a história direito...

**Zeca:**

- O quê? Você quer me contar os detalhes?... É isso? (Irônico) Fala Cacau, conta aí como é que vocês transavam? Você chegou a comer ela na pia do meu banheiro? Qual o lençol que você prefere? Eu gosto muito daquele preto de cetim. Comprei em Nova York, eu mesmo escolhi.

**Cláudio:**

- Pára Zeca... A gente transou duas, três vezes no máximo...

*Zeca dá um urro. Vai até o sparring e desce o braço.*

**Zeca:**

- E a merda é que eu não posso matar você.

*Cláudio levanta e vai até ele.*

**Cláudio:**

- Aconteceu Zeca. A gente não queria. A gente tentou evitar. Mas ela ficava muito sozinha. Ela sofria muito. Eu só queria ser amigo...

*Zeca agarra Cláudio pelos colarinhos e arrasta pelo palco.*

**Zeca:**

- Não venha com esse papinho de bom garoto. Vocês dois não prestam. Vocês são dois filhos da puta. Agora, você é meu irmão. Você é o mais filho da puta dos filhos da puta que eu já conheci. E olha que eu só lido com criminoso, com bandido. Só que aqueles lá, Cláudio, eu sei que não posso dar as costas pra eles. Pra você eu dei a chave da minha casa.

**Cláudio:**

- Vai. Bate logo, Zeca. Enfia o braço. Você nunca ligou pra ela. Você não suporta é perder.

*Zeca solta Cláudio.*

**Cláudio:**

- Eu vou ser honesto com você. No começo, eu tinha pena dela. Sempre sozinha naquele casarão. Uma menina ainda, Zeca. Assustada, apavorada com a cidade grande. Sem parentes, sem amigos... Às vezes ligava meia noite lá em casa procurando você. Com medo. Ouvia barulhos na casa. Se trancava no quarto. Eu falava pra ela que você devia estar com algum cliente, que seus clientes gostavam de reuniões à noite. Conversa fiada. Eu sabia que você estava com uma dessas mulheres da sua lista. Ela também sabia. Me ligou chorando tanto um dia que eu não aguentei. Não podia deixar aquela mulher sozinha mais. Peguei o carro do Cichinho e fui lá. Ela me abraçou e continuou chorando mais de uma hora. Frágil, uma casquinha de ovo. Sentei no seu sofá e peguei ela no colo. Não tinha nada de sexo naquilo. Pra mim era como se fosse uma criança...

**Zeca:**

- Uma criança? Que meigo! Eu não preciso ouvir esta merda.

*Zeca ameaça sair. Cláudio o segura com força.*

**Cláudio:**

- Minha terapeuta disse...

**Zeca:**

- Ah, me poupe, papinho de terapeuta não...

**Cláudio:**

- Minha terapeuta disse que eu revivi o abandono da mãe, que eu quis reparar o abandono da mãe entende?

**Zeca:**

- Olha o papinho... Tô falando que você devia ser bicha.

**Cláudio:**

- (Perde a paciência) Só que é esta bichinha aqui que a sua mulher ama.

*Zeca vira um murro na cara de Cláudio que cai no chão. Zeca fica perplexo com o próprio gesto. O arrependimento é imediato. Tenta erguer o irmão.*

**Zeca:**

- Porra! Porra, olha o que você me faz fazer!

*Cláudio empurra Zeca. Cada um senta-se em uma cadeira distante do outro. Zeca tem uma crise de choro. Depois de algum tempo, Cláudio senta-se ao lado dele. Passa o braço sobre ele com carinho. Zeca se controla e se levanta.*

**Zeca:**

- Você não me conhece. Eu amava esta mulher.

*Zeca se levanta e sai.*

## **CENA 12**

*Cláudio fala para a platéia.*

**Cláudio:**

- Eu não preciso de pai. Pai pra mim é o Mauro. Quando minha mãe chegou comigo da maternidade, meu pai já tinha dado o fora... Umas das lendas da família diz que ele decidiu ir embora quando soube que tinha nascido mais um menino. A minha mãe morreu eu tinha quase sete anos. Esclerose múltipla. Tentaram até me mandar pra casa de uma tia. O Mauro não deixou. Ele tinha dezenove anos, só. Me criou, pagou meu curso de teatro... É, eu sou ator. Quando eu digo que sou ator as pessoas falam assim: - Ator? Que bacana! Mas trabalha com o quê? Trabalho como ator, eu digo. A próxima pergunta é: Você tá em alguma novela?... Não, eu nunca fiz novela. Aí a pessoa faz aquela cara desanimada e diz: Ah, sei... Ator, se é famoso, é Deus, se é

anônimo é vagabundo. Dureza! Tenho uma namorada, a Jack, ela é atriz também. Meu maior problema com ela atualmente é que ela tenta me convencer que eu sou gay. E tudo que acontece de errado entre a gente é porque eu não assumo o meu lado gay... Eu gosto de cozinhar, sabe? Gosto de arrumar a casa. Gosto de fazer tricô. Minha mãe ensinou pros meus irmãos, o Mauro me ensinou. Quando faço tricô, eu sinto a energia da minha mãe... Esse negócio de energia também é coisa de gay, né? Eu sei. Não conheci direito a minha mãe, mas morro de saudades dela. Ando com a foto dela na carteira. Mandei ampliar um retrato da minha mãe e pus na parede do meu quarto. Tá, tá bom, já sei: essa fixação em mãe é diploma de gay com pós graduação. Olha, eu não ligaria de ser gay. Até tentei ser gay. Mas é que, eu não sou, entende?

### CENA 13

*Zeca entra arrastando Maurício e joga ele no chão. Ergue os dois punhos no ar como um pugilista. Avança pra cima de Maurício e começa a socá-lo. Ele se encolhe num canto. Não reage. Apenas defende o rosto com os braços. Cláudio fica horrorizado. São crianças novamente.*

**Cláudio:**

- Pára Zé! Pára com isso... Eu vou chamar o Mauro.

**Zeca:**

- Ele num tá aí... Foi trabalhar. Não chora Cacau. Ele tem que aprender a reagir.

**Cláudio:**

- Pára Zeca!

*Cláudio tenta segurar Zeca. Zeca o empurra longe.*

**Zeca:**



- Me deixa, menino, ele tem que aprender a reagir, entendeu??? Tem que aprender a reagir!

**Cláudio:**

- (Grita) João! Joããã!

*Zeca avança sobre Maurício com mais raiva. João chega correndo.*

**João:**

- Para com isso, Zeca!!

*João e Cláudio seguram Zeca. Zeca se desvencilha e vai para um canto. João pega Maurício pelos braços. Maurício não levanta os olhos.*

**João:**

- (Grita com Maurício) Ele é bem mais novo que você!... Por que você deixa ele te bater!?? Não deixa ele te bater Maurício!

**Zeca:**

- Todo mundo bate nele. Na escola fazem até fila pra bater nele...

*Zeca sai de cena. Cláudio ajuda Maurício a se levantar.*

**João:**

- Machucou?

*Maurício balança a cabeça negativamente.*

**Maurício:**

- Tá tudo bem. Eu entendo ele.

**João:**

- Entende?... Só tem maluco nessa casa.

*João sai de cena. Cláudio senta Maurício nas cadeiras.*

#### **CENA 14**

*Tempo atual. Maurício está bêbado.*

**Cláudio:**

- Onde você tava?

**Maurício:**

- (Irônico) Rezando na capela do hospital.

**Cláudio:**

- Cichinho, você bebeu? Minha, nossa, ele tá chegando, vai lavar este rosto... Você não tem uma bala pra disfarçar esse bafo?...

*Maurício faz um gesto de "foda-se". Zeca entra correndo, Mauro vem andando atrás.*

**Zeca:**

- (Para Maurício) E então? É o cara?

**Maurício:**

- Não dá pra saber... Ele não tem documento nenhum... Levaram tudo dele. Foi muito espancado, entrou em coma... Tá todo ferrado.

**Zeca:**

- Merda, merda, merda!

**Cláudio:**

- (Para Mauro) Nosso telefone tava no bolso da camisa dele...

**Mauro:**

- Isso não quer dizer nada. Deu pra ver o rosto?

**Maurício:**

- O médico me deixou entrar uma vez, mas... Ele tem uns hematomas no rosto... Tá meio inchado... Não sei Mauro... Parece, mas eu não posso jurar que é ele.

**Zeca:**

- É ele.

**Cláudio:**

- O médico disse que deve ter uns 70 anos, a idade bate.

**Zeca:**

- (Super excitado) Minha nossa, é ele! É ele, Mauro!

**Mauro:**

- Calma, Zeca, calma!

**Maurício:**

- Engraçado, espancaram o velho até quase matar... Eu sempre pensava que se reencontrasse o velho de novo, queria cobrir ele de porrada.

**Zeca:**

- Calaboca Maurício, você tá é bêbado.

**Mauro:**

- (Para Maurício) Não acredito... Escuta aqui, você bebeu?

*Mauro segura o rosto de Maurício, tenta olhar seus olhos. Maurício olha para o chão e tenta se soltar.*

**Maurício:**

- (Olhando o chão) Você não é minha mãe, você não é meu pai tá bom!?

*Mauro sacode Maurício pelos braços. Os irmãos tentam separá-los.*

**Mauro:**

- Eu sei que eu não sou. Eu sei, seu bosta, seu merda... Eu tô cansado de saber que eu não sou...

*Maurício se desvencilha dele.*

**Maurício:**

- Eu vou ao banheiro.

**Mauro:**

- (Exausto) Você acabou de sair da clínica...

**Cláudio:**

- Deixa ele, Mauro...

**Mauro:**

- (Para Maurício) Eu não sei mais o que fazer com você...

**Maurício:**

- Oh, céus, o super-Mauro não sabe o que fazer... Quem vai salvar a humanidade agora...

*Mauro desaba em uma das cadeiras desolado.*

**Zeca:**

- Vai pra porra do banheiro, Cichinho.

*Maurício sai.*

**Maurício:**

- (Sai cantando) Ela é a dona de tudo, ela é a rainha do lar. Ela vale mais para mim que o céu, que a terra que o mar... Mamãe, mamãe, mamãe!

**Cláudio:**

- A Sandra sumiu com as meninas de novo, Mauro... Era o fim de semana dele. Um inferno. Faz três meses que ele não consegue ver as filhas... Você sabe como ele é com essas meninas.

**Zeca:**

- Palhaçada: o cara era quem levava na escola, dava o remédio de madrugada, quem fazia a lição de casa junto. Sempre foi pai e mãe dessas meninas. Até as calcinhas delas, o Maurício é quem comprava...

**Mauro:**

- (Para Cláudio) Vai lá dar uma olhada nele, Cacau.

*Cláudio sai por um lado. João Pedro entra por outro.*

**Zeca:**

- Olha quem desceu das nuvens...

**João:**

- (Ansioso) O Olivier me deu o recado. Tô no meio do lançamento de um livro... Não posso ficar aqui nesse fim de mundo à toa...

**Mauro:**

- Oi João. Há quanto tempo... (Irônico) A gente também tava com saudade.

**João:**

- Desculpa Mauro... É que essa história agora... Parece que isso não tem fim nunca. Você tá bem? E a Gabi? 10 anos já?

**Mauro:**

- Treze.

**João:**

- A mãe dela?... Sandra??

**Mauro:**

- Sandra era a mulher do Cicinho... A Sílvia é a mãe da minha filha... Mas eu não sei muito dela não.

**João:**

- Zeca... Como vai aquela sua prole numerosa? Soube que você casou de novo e vai ser pai pela sexta vez. Haja grana pra pagar tanta pensão, heim...

**Zeca:**

- Felizmente, grana não é problema... As minhas meninas vão bem. Modéstia a parte eu sei fabricar direitinho. (Maldoso) E seu grande e inseparável amigo Olivier, não veio?

**João:**

- Achei melhor ele não vir. Melhor pra ele...

**Zeca:**

- Cansei de convidar vocês pros almoços de domingo lá em casa... Mas o grande João Caldeira não se mistura.

**João:**

- Não começa, Zeca. Você sabe que eu viajo muito... Então... é o pai?

**Mauro:**

- Ninguém sabe. O sujeito foi espancado e roubado. Não tem documento nenhum e, segundo o Cicinho, tá cheio de hematomas no rosto.

**Zeca:**

- Eu sei que é ele. A cartomante me disse... Ela falou que um importante reencontro da minha vida estava perto.

**João:**

- Ele vai morrer?

*Zeca bate na madeira do chão.*

**Zeca:**

- Isola!

**João:**

- Pelo menos, se ele morresse, a gente tinha certeza que acabou.

**Mauro:**

- (Para João) A gente sempre vê você no jornal, na TV... Este livro novo, pelo visto, está vendendo como água.

**João:**

- A editora me pressionou muito pra publicar de novo, fazer algo numa linguagem mais popular. É um estudo baseado na obra de Jorge Luis Borges, um escritor argentino. Eu trouxe este pra você... (Entrega o livro para Mauro) Não trouxe pra você Zeca por que...

**Zeca:**

- (Interrompe) Por que eu não leio esses negócios de psicologia, filosofia... Puta negócio chato! Se tiver mais de quarenta páginas, então...

**João:**

- Por isso.

**Mauro:**

- Tá com dedicatória? O último livro que você me deu, esqueceu a dedicatória.

**João:**

- O livro é dedicado a você... Página dois... "Ao meu irmão mais velho que foi pai desde menino."

*Mauro fica emocionado olhando para o livro.*

**Mauro:**

- Nossa!

**Zeca:**

- Caramba, Mauro, não vai dar um abraço no cara?

*Mauro abraça João meio sem graça. Voltam Cláudio e Maurício. Cláudio traz uma bolsa grande na mão. Cláudio e Maurício olham surpresos para João.*

**Cláudio:**

- (Para João) Que legal, você veio.

**João:**

- (Para Cláudio) Como vai a estrela da família?

**Cláudio:**



- Mais anônima impossível.

**Maurício:**

- Estrela pra nós e você, João. Comprei até a última revista que tem uma entrevista sua.

**João:**

- E aí, Cichinho? E as meninas? Eu me lembro bem da Julia... A menorzinha eu não conheci.

**Maurício:**

- A Bárbara... É a cara da nossa mãe... Parece um clone da dona Alzira...

**Cláudio:**

- Por falar em dona Alzira, eu trouxe uma coisa, fui buscar no carro, queria mostrar pra vocês.

*Cláudio abre a bolsa na frente deles. Está cheia de lãs e agulhas. Um a um vão se aproximando lentamente da sacola, pegando suas agulhas com carinho. Emocionados.*

**João:**

- Você guardou essa tralha... Olha, até as agulhas da dona Alzira estão aqui...

**Cláudio:**

- Achei que ia ter um momento especial... Todo mundo junto de novo... Um acerto.

*Cláudio distribui novelos de lã entre eles. Entrega com especial carinho para Zeca.*

**Mauro:**

- (Olha as agulhas) Olha só isso... Será que a gente ainda sabe fazer isso?

**Maurício:**

- Só tentando pra ver.

**Zeca:**

- Eu ainda dou show no tricô, querem apostar?

*Cada um senta-se e começa a tricotar alguma coisa, menos João que fica apenas olhando para as agulhas.*

**João:**

- Sempre precisei de um quartinho pra fazer isso. Já fiz em casa, escondido no banheiro, é como um vício. Mas fazer tricô na sala de espera de um hospital público...

**Cláudio:**

- Eu faço em qualquer lugar, na biblioteca, no café... É uma terapia, uma faxina mental...

**Maurício:**

- Tem sempre um fio que escapa... Aí a gente puxa e vai desmanchando tudo... É incontrolável.

**João:**

- Eu nunca entendi isso. Mas a verdade é que eu nunca consegui parar.

*João começa a tricotar algo.*

**Zeca:**

- Cara, eu sempre fui o melhor pra fazer luva. Luva era comigo, não tinha pra ninguém.

**Cláudio:**

- (Para Zeca) Eu tenho até hoje a primeira luvinha que você fez pra mim.

*Zeca ignora a fala do irmão.*

**João:**

- Eu lembro quando o quartinho virou quartinho de costura... No inverno, tinha aquela pilha de gorros, cachecóis, luvinhas... Tudo colorido.

**Maurício:**

- Primeiro a gente não podia entrar, depois tinha que entrar... E a mãe contando histórias de quando ela era feliz...

**Mauro:**

- O quartinho era bem escondido. Ninguém via que era a gente que fazia o tricô.

**Zeca:**

- Um saco aquilo! Eu morria de medo de algum amigo meu ver... Mas quem ia dizer não pra dona Alzira...

**Maurício:**

- Ninguém entendia como a mãe conseguia fazer tanto tricô pra vender.

**Mauro:**

- Ela fechava todas as janelas, trancava a porta da frente... Sentava na cadeira do meio...

**Maurício:**

- Fazia um rangido triste aquela cadeira...

**João:**

- Chega de lembrar essa história gente.

**Zeca:**

- Não era triste, João. A gente cantava, ela contava histórias.

**Maurício:**

- Ela chorava por dentro. Ela era só dor.

**Mauro:**

- Ela amava muito mais ele do que a gente.

*Cláudio inspeciona o tricô de Mauro.*

**Mauro:**

- Que que foi?

**Maurício:**

- Ih, baixou o espírito da dona Alzira. Canta pra subir dona Alzira!

**Cláudio:**

- Tá ficando muito frouxo esse ponto... Tem que colocar mais tensão pro ponto ficar mais fechadinho...

**Mauro:**

- Não amola Cacau, eu te ensinei a fazer ponto meia.

*Apagam-se as luzes nas cadeiras. Zeca e Mauro saem levando os tricôs. Cláudio empurra uma cadeira para frente e senta-se. João vai até a coxia e volta com uma caixa cheia de maquiagens. Maurício vai até o violão e começa a tocar "As Pastorinhas" de Noel Rosa e Braguinha.*

## **CENA 15**

*João começa a maquiar Cláudio cuidadosamente, como se ele fosse uma mulher. São crianças novamente.*

**João:**

- Eu acho isso, Cacau... Ele foi embora por que a mãe não teve uma menina...

**Cláudio:**

- E porque a mãe morreu, João?

**João:**

- Tristeza... Fica quietinho senão borra tudo. Ele sempre quis ter uma menina.

**Cláudio:**

- Eu falo na escola que ele tá viajando, que a gente só vê ele no final de semana. (T)  
Isso era da mãe?

**João:**

- Era.

**Cláudio:**

- Nunca vi a mãe de batom.

**João:**

- Antes ela usava... Ficava linda. Eles iam ao cinema.

*Maurício olha a cena. Pára de tocar. Começa a rir. João continua a maquiagem concentrado, como se fosse um artista.*

**Maurício:**

- Quê isso? Onde vocês arrumaram isso??

*Maurício deixa o violão e se junta a eles.*

**Cláudio:**

- Era da mãe.

**Maurício:**

- O Mauro vai matar os dois.

*João amarra um lenço colorido na cabeça de Cláudio.*

**João:**

- Pronto... Tá pronta. Cicinho, te apresento nossa irmã: Cláudia.

*Cláudio desfila fazendo caras e bocas como se fosse menina. Os 3 caem na gargalhada.*

*Maurício pega o batom e começa a passar.*

**Maurício:**

- Eu também quero...

*Maurício pega um espelho no meio das coisas e observa o batom na boca.*

**Maurício:**

- É bonito, não é?... Vem cá, João, deixa eu passar em você.

**João:**

- Não. Eu não gosto do cheiro.

*João começa a tirar adereços femininos da sacola e colocar em Maurício.*

**Cláudio:**

- Eu acho o cheiro uma delícia... Cheiro da penteadeira da mãe.

**João:**

- Cicinho, será que o Mauro sabe porque o pai foi embora?

**Maurício:**

- De novo isso, João?

**João:**

- Às vezes eu acho que o Mauro sabe onde ele tá. Onde o Mauro arruma dinheiro pra pagar as contas??

**Maurício:**

- Ele trabalha como um burro de carga... Não fala bobagem.

**João:**

- Ontem o telefone tocou de madrugada de novo. Só o Mauro pode atender se toca de madrugada. Por quê?

**Maurício:**

- Por que a gente tem que dormir, porque pode ser trote... O velho se mandou, João. Vamos esquecer isso...

**Cláudio:**

- Por que o velho se mandou, Cicinho? Ele não queria ser pai da gente?

**Maurício:**

- Sei lá! Quer saber? Meu nome agora é Soraia e eu sou filha de um poderoso sheik árabe!

*Maurício dança imitando uma odalisca. Os 3 caem na risada. João entra na brincadeira e coloca algum adereço feminino. Os 3 desfilam fazendo caras e bocas. João olha Maurício fixamente.*

**João:**

- Pára Cicinho...

*Maurício fica imóvel.*

**João:**

- Minha nossa, você é a cara da mãe... O Zeca sempre falou, eu não achava, mas agora...

*Cláudio se aproxima e olha Maurício magnetizado.*

**Cláudio:**

- Mãe?...

*João pega no meio das coisas um tricô já começado, entrega a Maurício, ele se senta em uma das cadeiras e começa a tricotar. João e Cláudio sentam-se no chão e olham para ele.*

**Maurício:** *(imitando a mãe)*

- Eu conheci só um homem que prestava, meu pai, o avô de vocês. Aquele sim era um exemplo de homem. Sempre foi contra meu casamento com seu pai. "Esse Orlando, não serve, Alzira! Esse Orlando tem vento na cabeça..." Ele dizia... E eu teimava, teimava! Meu pai era um homem de visão. contei pra vocês que ele aprendeu sozinho a profissão de dentista lá na roça? Conseguiu os livros e estudou tudo sozinho! Uma cabeça, o meu pai. Fez os 12 filhos estudarem. Tinha que, pelo menos, saber ler e escrever. Ele não queria a gente na roça não... Eu fui a primeira menina lá do nosso povoado a graduar professora... Já contei isso pra vocês? "Não casa com esse Orlando, filha. Esse sujeito é doido." Ele dizia. Dei a ele o maior desgosto da vida e fugi pra casar com seu pai. *(Olha para outro lado)* Não levanta tanto o cotovelo, Maurício. Ô menino lerdo, quantas vezes eu já falei. Afasta o tricô da cara... Mauro, não deixa o Cacau brincar com a lã branca, olha os dedos desse menino, tudo sujo... *(Sorri amorosa)* Menino danado, tá cada vez mais a cara do pai... *(Muda o tom)* Ai, chega de tristeza, vamos cantar! Vamos cantar que o tricô vai mais rápido!



*Maurício começa a cantar “As Pastorinhas”. Cláudio e João acompanham. Enquanto cantam, eles tiram a maquiagem os adereços e devolvem à bolsa. Maurício e Cláudio saem de cena levando as maquiagens.*

## **CENA 16**

*João vai até o sparring e fica empurrando levemente, fazendo ele balançar.*

### **João:**

- O quartinho era afastado da casa. Quando meu pai estava lá, a gente não podia nem brincar perto da janela. Tinha que deixar ele em paz. Eu sentava nas escadas que davam no quintal e ficava olhando praquela janela luminosa. De vez em quando dava pra ver um pedaço dele. Sempre um pedaço... Às vezes vinha de lá uma música... Depois fui saber que aquilo se chamava ópera... Aída de Verdi, I Pagliacci de Leoncavallo, Carmen de Bizet e quase sempre Don Giovanni de Mozart. Don Giovanni era especial pra ele. Uma noite, eu vi, por alguns segundos, ele dançava. Todos os dias, quando ele vinha do quartinho, eu estava lá, na escada. E, de repente, o milagre aconteceu: ele me pegou pela mão e me levou. Me deu um frio na barriga, como quando a gente vai despencar numa montanha-russa... E eu entrei no quartinho. Nenhum museu da Europa, que eu visitei quando adulto, conseguiu superar o impacto da minha entrada no quartinho. Livros em todos os cantos, uma tela sendo pintada em um cavalete, uma vitrola, uma prateleira de discos de vinil, uma arara com fantasias, uma prancheta com desenhos... Meus olhos corriam de uma coisa para outra tentando guardar tudo, como se eu soubesse que nunca mais ia entrar lá. Antes de sumir, ele foi esvaziando o quartinho... Ia saindo com caixas de papelão, colocava no carro e as caixas não voltavam. Eu desconfieei, senti que ia acontecer alguma coisa... A mãe sentou a gente na sala, com o Cacao no braço, ela tinha acabado de sair da maternidade e disse, sem dó: seu pai foi embora. Eu desmaiei.

*João sai de cena.*

**CENA 17**

*Mauro e Zeca entram e ficam olhando para o sparring balançando. Ouvimos o bipe de um monitor cardíaco no ritmo de um coração pulsando.*

**Zeca:**

- Viu? tem que molhar a mão dos caras... (Olha o sparring) É ele?

*Mauro fica em silêncio. Está muito emocionado.*

**Zeca:**

- Pelo amor de Deus, é ele Mauro?

**Mauro:**

- Como é que alguém tem coragem de fazer isso com um velho...?

**Zeca:**

- É ele, não é Mauro? É o pai.

*Mauro anda ao redor do sparring olhando.*

**Mauro:**

- Este sujeito aí está praticamente morto, Zeca, você não tá vendo?

*Zeca segura Mauro pelos braços.*

**Zeca:**

- Não me importa Mauro. Eu só preciso encontrar ele, eu só preciso olhar pra ele mais uma vez. Porra, caralho, é ele ou não é??

*Mauro vacila, titubeia, se enche de coragem...*

**Mauro:**

- É ele Zeca. É o seu pai.

*Zeca olha para o sparring e começa a chorar. Um a um, os outros irmãos vão entrando e encarando o sparring em silêncio. Todos se aproximam do sparring, menos Mauro que fica olhando para o chão.*

**Cláudio:**

- Se ele saísse dessa, eu diria: e aí velho? Que voltinha demorada essa sua. Eu sou o Cláudio, aquela filha que você não teve.

**Maurício:**

- Oi pai, eu sou o Cicinho. Acho que você se lembra de mim... Você me ensinou a tocar violão... Você tentou, né? Mas eu me atrapalhava muito com os dedos... Sabe que eu acabei aprendendo?

**João:**

- Eu só queria entender o por quê. É uma lacuna que eu tenho na vida, acho que o senhor pode preencher com a sua história... Por quê?

**Zeca:**

- Cara, que bom que você voltou. Eu sempre falei pros meninos que você voltava. Eu sei, essa vidinha de família é dureza. Um inferno mesmo, criança chorando, conta pra pagar, mulher enchendo o saco. Eu entendi, pai. Eu fui o único que entendeu. Eu mesmo só não me mando por que... Por que...

**Maurício:**

- Eu mal consigo ficar uma semana sem minhas filhas. Abandonar? Não ver nunca mais?? Como é que pode?!

**Cláudio:**

- Pai? Eu já tenho pai, obrigado. Na boa, pra mim tanto faz. Eu não consigo te chamar de pai.

**João:**

- Eu achava que você me amava, só a mim. Você não vai acreditar mas eu sabia que você ia embora, eu te conhecia tão bem. Só que eu achava, olha só que ingenuidade de criança, eu tinha certeza que você ia me levar.

**Zeca:**

- Você vai morar lá em casa, tá resolvido.

*O monitor cardíaco faz um bipe contínuo como quando a pessoa tem uma parada cardíaca. Todos se agrupam bem perto de Mauro e olham para um ponto no chão.*

## **CENA 18**

**Cláudio:**

- Ele morreu, Mauro?

**Mauro:**

- Morreu, Cacau.

**Maurício:**

- (Gagueja) A ge-ge-gente va-vai largar o T-T-Trovão jogado aqui na rua?

**Mauro:**

- Não, a gente leva ele pra casa e enterra no quintal.

**Zeca:**

- Vou riscar aquele carro do seu Serafim todinho.

**Mauro:**

- Não vai nada.

**Zeca:**

- Ele passou em cima do Trovão de propósito.

**João:**

- Eu fico pensando aonde a gente vai quando a gente morre.

**Cláudio:**

- Pro céu, ué. O Trovão foi pro céu dos cachorros.

**João:**

- Não tem céu nada. Ainda mais pra cachorro. Deixa de ser besta.

**Cláudio:**

- Mauro, a mamãe não tá no céu?

**Mauro:**

- Claro que tá, o João tá brincando.

**Cláudio:**

- E o papai, onde tá?

**Maurício:**

- No in-in-inferno dos cachorros.

*Todos riem. Até Mauro.*

**Mauro:**

- A gente pega um saco e coloca ele com cuidado pra não sujar a mão, nem a roupa de sangue.

**Zeca:**

- A gente vai poder ter outro cachorro?

**Mauro:**

- Não, o Cicinho já tem coisa demais pra cuidar na casa. Ninguém quer dar banho, dar comida... Negativo.

**Maurício:**

- E-e-eu n-n-não me importo.

**Mauro:**

- Negativo. Vamos lá buscar um saco.

*Mauro sai de cena.*

**Cláudio:**

- Eu vou ficar aqui com o Trovão.

*João e Maurício saem.*

**Zeca:**

- (Para Cláudio) Depois você pede a ele pra ter outro cachorro... Um Dobbermann, repete o nome pra não errar...

**Cláudio:**

- Um poodle. Só peço se for um poodle.

**Zeca:**

- Poodle não! Então, um pastor alemão, é peludão, igualzinho poodle.

**Cláudio:**

- Tá.

**Zeca:**

- Se ele não deixar, faz aquela cara triste, chora... Ele não aguenta.

**Cláudio:**

- Pode deixar... Zé... Posso rezar pro Trovão?

**Zeca:**

- Pode.

*Zeca senta-se na cadeira. Cláudio reza uma ave-maria baixinho. Acaba de rezar e senta-se ao lado do irmão.*

## **CENA 19**

*Tempo atual.*

**Cláudio:**

- Então, achou seu pai...

**Zeca:**

- Seu também... Não tô a fim de papo, Cacau.

**Cláudio:**

- Você devia ter me enchido de porrada, em vez de guardar esta mágoa.

**Zeca:**

- Eu posso ter muitos defeitos, mas nunca fui contra um irmão.

**Cláudio:**

- Eu sei. Você sempre me defendeu, Zé. Na escola todo mundo pegava leve comigo porque eu era irmão do Zeca. Eu achava o máximo.

**Zeca:**

- Bom, chega de papo...

*Zeca se levanta e vai saindo.*

**Cláudio:**

- Eu tenho uma namorada, a Jack.

*Zeca pára.*

**Cláudio:**

- É uma gata... Tem um corpão. Uma super atriz. Talentosa. Meio maluca... Bem maluca.

**Zeca:**

- Sei.

**Cláudio:**

- Vive dizendo que eu sou gay mas não dou conta de assumir, um inferno.

**Zeca:**

- (Irônico) Esperta a garota.

**Cláudio:**

- Falei pra ela de você, da nossa história, da dívida que eu tenho com você. Ela fez uma sugestão pra gente, vamos ver o que você acha... Ela quer entrar pra sua lista.

**Zeca:**



- Heim?

**Cláudio:**

- Ela achou a história excitante, disse que nunca encarou um canalha de frente... Eu faço um esforço enorme pra ser o mais sensível dos homens e ela quer experimentar um canalha.

**Zeca:**

- Mulheres... E você?

**Cláudio:**

- Eu tive vontade de meter a mão na cara... Mas eu gosto dela... E a gente tem uma relação aberta. A Jack pode transar com quem ela quiser.

**Zeca:**

- A mulherada costuma gostar, costuma virar cliente.

**Cláudio:**

- Paciência, é um risco. A Jack vai com você, e a gente recomeça da estaca zero.

**Zeca:**

- Dá o telefone dela pro Cichinho. Ele marca.

*Vai saindo.*

**Cláudio:**

- Mas espera, tem uma condição... Eu quero um abraço.

**Zeca:**

- Um abraço? Putz cara como você é meloso... Quando você era pequeno queria beijo pra dormir, beijo pra ficar na escola, beijo depois que escovava os dentes...

**Cláudio:**

- E você dava.

**Zeca:**

- Um aperto de mão?

**Cláudio:**

- Eu sei por que não quer abraçar. Porque você chora. Eu posso ser meloso, mas o chorão sempre foi você. Ficava vermelho que nem um tomate e corria pro banheiro pra chorar escondido. Todo mundo sabia. A gente sempre foi muito diferente, mas no fundo a gente se parecia. Vai dar o abraço ou não vai?

*Zeca se segura, mas está emocionado.*

**Zeca:**

- Putaqueopariu! Vem cá, seu porra!

*Zeca abraça o irmão com força. Com muita força. Quase machucando.*

**Cláudio:**

- Caramba, vai quebrar minha coluna.

**Zeca:**

- Não vale ficar de pau duro, heim?

*Solta Cláudio.*

**Cláudio:**

- Não enche, Zeca.

**Zeca:**

- Lembra do concurso de pau que a gente fez lá em casa?

**Cláudio:**

- Que assunto, Zeca! Que que isso tem a ver agora...

**Zeca:**

- Tô só lembrando, cara. A gente não fez as pazes?? O Maurício ficou com o troféu Jeba de Ouro. Não esqueço nunca, vinte centímetros! Você ficou com a prata e eu com o bronze. Não sei pra que o Cicinho tem um pau daquele tamanho pra usar tão pouco. Deus é injusto.

**Cláudio:**

- Zeramos então, Zeca?

**Zeca:**

- (Emocionado) Tudo bem, seu bosta. Vamos passar a régua nessa história. Mas que eu vou comer esta namoradinha sua, eu vou. Vou deixar a menina maluca, subindo pelas paredes. E quando ela estiver gritando agarrada na cabeceira da cama do motel, nesse momento, eu vou te perdoar. Só nesse momento vai ficar zero a zero...

**Cláudio:**

- Fechado, Zeca.

**Zeca:**

- Vamos lá saber do pai.

*Os dois saem de cena.*

**CENA 20**

*Maurício entra com uma garrafa de cachaça na mão. Se agacha num canto e começa a virar muitos goles rapidamente.*

**Voz de mulher distante:**

- Maurício! Mauríííicio!

*Maurício continua virando várias goladas. Mauro passa no fundo do palco procurando o irmão.*

**Mauro:**

- Cicino! Ci-ci-nhooo!

*Maurício tenta se levantar. Cambaleia. Procura algum lugar e esconde a garrafa. Mauro chega.*

**Mauro:**

- Você tá aí? A mãe tá chamando lá no quartinho. Já tá todo mundo lá.

**Maurício:**

- (Bastante bêbado) Pode ir na frente que eu já vou.

**Mauro:**

- O que que você tem?

**Maurício:**

- Nada... Nada não... Pode ir. Eu vou só, eu vou ali no...

*Maurício dá uma cambaleada feia. Quase cai. Mauro segura.*

**Mauro:**

- O que que você tem Cicino? Parece que você tá... Não pode ser... Parece que você bebeu. Deixa eu cheirar a sua boca.

*Maurício cheira a boca do irmão.*

**Mauro:**

- Você bebeu! Você ficou doido?? Onde você arrumou bebida, menino!?

**Maurício:**

- Ficou uma garrafa do pai... Debaixo da pia... E eu não sou menino... Você é só um ano mais velho do que eu... Um ano só...

*Mauro sacode Maurício pelo braço.*

**Mauro:**

- Foi a primeira vez, Cicinho? Olha pra mim, foi a primeira vez que você fez isso??

*Cicinho balança a cabeça negativamente.*

**Mauro:**

- Quantas vezes?... Há quanto tempo você tem bebido, Cicinho?

*Cicinho abaixa a cabeça e chora.*

**Mauro:**

- Meu Deus, como é que eu nunca vi isso? Como é que eu deixei você fazer isso!?

**Voz de mulher distante:**

- Mauro! Maurício!

**Maurício:**

- Eu queria... eu queria ser como você. Mas eu não sou. Eu não sou, Mauro.

*Mauro abraça o irmão.*

**Mauro:**

- Vai tomar um banho... frio, entendeu? Eu vou falar pra ela que você tá com dor de cabeça. Depois que ela dormir, eu faço um chá de boldo e levo. Cadê a garrafa?

*Maurício aponta o lugar. Mauro pega a garrafa.*

**Mauro:**

- Nunca mais, Cicinho. Nunca mais na sua vida você vai colocar a mão numa garrafa dessas. Entendeu?

*Cicinho balança a cabeça afirmativamente.*

**Mauro:**

- Agora vai.

*Cicinho sai para um lado. Mauro vai até o sparring e acerta nele um único murro com muita força. Mauro fica olhando o sparring com ódio.*

## **CENA 21**

*João entra e senta-se. Zeca e Cláudio chegam abraçados.*

**Zeca:**

- E então, alguma notícia do pai?

**João:**

- Uma enfermeira esteve aqui, chamou o Mauro lá... Não sei não, a cara dela não era boa.

*Mauro se afasta do sparring e se aproxima deles..*

**Zeca:**

- Como é que ele tá??

**Mauro:**

- Teve duas paradas cardíacas... Ele tá no fim. O médico disse que é melhor a gente se despedir... Vocês podem entrar agora.

*João, Zeca e Cláudio vão saindo.*

**Mauro:**

- Cadê o Cichinho?

**João:**

- A última vez que eu vi tava lá fora com o violão...

**Mauro:**

- Deve estar enchendo a cara de novo.

*João, Zeca e Cláudio saem. Entra Maurício com um copo de água e um remédio.*

**Maurício:**

- Toma. É pro estômago.

*Entrega o remédio. Mauro toma.*

**Mauro:**

- O sujeito tá morrendo... Se quiser se despedir.

**Maurício:**

- Este homem não é o pai. Você mentiu, não foi Mauro?

**Mauro:**

- Você foi o primeiro que viu ele. Não tinha nenhum hematoma no rosto. Você também mentiu... Se ele morrer, a gente põe um ponto final nisso: o Zeca pára de colocar detetive atrás dele, o João enterra ele de vez... E achei que você também, de repente...

**Maurício:**

- Parava de beber?... De novo, o super Mauro. Tentando resolver tudo o tempo todo. E você, Mauro? Você não sente nada? Não gelou sua barriga quando ligaram lá em casa falando deste homem aqui no hospital? Não deu saudade? Não deu raiva?? Você não desmorona, não sente nada, nunca?

**Mauro:**

- Eu sinto dor de estômago, o tempo todo.

**Maurício:**

- Era tão mais fácil chorar.

**Mauro:**

- Vamos lá, Cicinho, vamos nos despedir do pai. Eu quero me despedir dele direito. Eu quero dizer "Tchau pai, pode ir... Pode ir, tá tudo bem." Naquela época eu não sabia que ia ficar tudo bem. Ficou tudo bem, não ficou, Cicinho?

**Maurício:**

- Sei lá... Ficou do melhor jeito que dava pra ser. Às vezes a gente olha demais pra frente, pro lado, pra trás... Agora, aqui, eu tô triste sem as minhas meninas, mas tô feliz de estar todo junto mundo de novo. Feliz num minuto, triste no outro... Tem outro jeito, Mauro? Não tem não.

**Mauro:**

- Fala isso pro João, pra colocar nos livros dele.



**Maurício:**

- Eu não bebi, Mauro... Abri o porta-luvas do Zeca, tinha uísque... Pensei nas meninas, o advogado disse que não posso dar motivo pro juiz, senão acabo perdendo elas de vez... Fechei o porta-luvas, chegou a doer aqui no peito. Corri no meu carro e peguei o violão. Fiquei tocando lá fora... Vieram uns enfermeiros... A recepcionista tem uma voz legal...

*João, Zeca e Cláudio voltam. Cláudio segura agulhas de tricô e um sapatinho de bebê azul. Ele senta-se numa cadeira. Os outros ficam de pé atrás. Cláudio tricota. Está super concentrado.*

**Mauro:**

- Bacana Maurício. Agora vamos lá por um fim nisso.

*Maurício dá uns passos, pára.*

**Maurício:**

- Mauro... Tem uma coisa, que eu sempre quis te perguntar: aqueles telefonemas de madrugada...

**Mauro:**

- (Firme) Vamos lá colocar um fim nisso, Maurício?

**Mauro:**

- Vamos.

*Mauro e Maurício se juntam aos irmãos e observam Cláudio tricotando.*

**CENA 22**

*Cláudio se esforça. Está aprendendo.*

**Zeca:**

- Tá um horror isso.

**Mauro:**

- Calaboca, Zeca.

**Cláudio:**

- Eu vou parar.

**Mauro:**

- Você não queria aprender, Cacau? Então vai até o fim.

**João:**

- Encheu tanto o saco pra aprender... Não sei pra quê...

**Maurício:**

- Tá muito bom, Cacau, pra primeira vez tá ótimo...

**Mauro:**

- Agora é só arrematar os pontos... e passar a fitinha. Cadê a fitinha?

**Zeca:**

- Tá aqui, ó...

*Zeca entrega uma fitinha azul pra ele.*

**João:**

- Usa a agulha pra te ajudar. Tem que passar em todos os buraquinhos... Você lavou essa mão direito?

**Cláudio:**

- Lavei.

**Mauro:**

- Você pulou um buraquinho... Tira a fita e passa de novo.

*Zeca cutuca o braço de Cláudio atrapalhando. Ri.*

**Cláudio:**

- Pára Zé!

**Maurício:**

- Tá quase acabando, Cacau. Quase acabando.

**João:**

- Eu preciso ir... Tenho uma coisa importante pra fazer...

**Zeca:**

- Eu também.

*Zeca e João vão até o sparring, o soltam e deitam no chão. Mauro olha para os irmãos deitando o sparring.*

*Volta o som do monitor cardíaco.*

*Maurício vem para perto do sparring e se junta a Zeca e João. Cláudio termina o sapatinho e deixa sobre a cadeira. Se junta aos três formando um grupo. Só Mauro fica onde está.*

**CENA 23**

*O coração vai batendo cada vez mais lento. Todos começam a cantar em boca chiusa a música Don Giovanni de Mozart. Eles falam para o sparring.*

**Zeca:**

- (Irritado) Caralho!... Cacete!... Vai morrer, então? Mais de vinte anos atrás de você e não vou ouvir nem um "oi"? Olha, você é foda, heim, cara!? Eu achei que era foda, mas você...

**João:**

- Eu fui o melhor, sabia? Eu fui o melhor aluno todos os anos da escola em quase todas as matérias. Eu passei no vestibular na melhor faculdade, sem cursinho. Eu graduei, pós-graduei, doutorei... Estou entre os três autores que mais vendem livros científicos no Brasil... Em cada nota no boletim, cada formatura, cada prêmio, eu sonhava que você ia aparecer de surpresa, e ficava olhando cada homem mais velho, mas eu não lembrava o seu rosto...

**Cláudio:**

- Sei lá quem é você... Eu acho que quem perdeu mais foi você, de verdade...

**Zeca:**

- Vou mandar fazer um puta túmulo lá no cemitério onde eu tenho os jazigos... Vou mandar fazer no formato daquele Corcel I que você tinha... Granito azul Bahia e a escultura do Corcel I... Um túmulo enooorme, vai virar atração turística esta merda.

**João:**

- Que bom pai: não vou precisar mais te esperar.

**Cláudio:**

- Eu te perdoo. Vai com Deus, cara.

*Mauro entra na frente dos irmãos e se dirige ao sparring.*

**Mauro:**

- (Explode) Quer saber? Vá a merda! Vá pra putaqueopariu!! Foda-se, você e suas maluquices. Seu merda! Você é um grande merda. Não, eu não entendo, não. Não tenho que entender nada não. Eu tenho 12 anos! Só 12 anos!! Não quero cuidar de mãe, de irmão, de casa, de cachorro... Não quero, entendeu!? Você tem que cuidar da gente!! Olha pra mim. Olha pra mim! Se você passar por aquela porta com essa mala eu vou te encher de porrada. Tá me ouvindo? Eu vou encher a sua cara de porrada com tanta força que você vai sair sim mas é prum hospital. E por falar em hospital, pega este seu carro agora e vai buscar a mãe e o bebê. Ou você acha, o quê? Seu egoísta, escroto! Que eu vou buscar eles de ônibus!!?

*Maurício abraça Mauro.*

**Maurício:**

- Acabou. Acabou.

*Som de bipe contínuo do monitor cardíaco.*

*Sai som do monitor.*

## **CENA 24**

*Trilha mecânica: sobe a música Don Giovanni.*

*Um dos atores estende um varal na boca de cena. Outro pega um grampo. Outro pega o sapatinho de tricô. Outro vai até a coxia e volta com um livro na mão. Lê para a*

*platéia enquanto os demais atores prendem o sapatinho azul no varal e deixam o palco.*

**Ator:**

- "Quando São Paulo disse 'morro a cada dia' não era esta uma expressão patética. A verdade é que morremos a cada dia e nascemos a cada dia. Estamos permanentemente nascendo e morrendo. Quem sou eu? Quem é cada um de nós? Talvez saibamos algum dia. Talvez, não. Nesse meio tempo, entretanto, como dizia Santo Agostinho, minha alma arde, porque quero saber."

*Ator sai.*

*Black out. Luz apenas no sapatinho azul.*

**Fim.**